

ALPEDRINHA EM ROMA
NOVAIS TEIXEIRA

Ora aí está uma terra onde eu gostaria de ser Alpedrinha: Em Roma!

Mostrar Roma ao digno patricio!

Dizer-lhe como as Sés de Braga se repetem e multiplicam, e reduzem e aumentam na *caput mundi*, como os São Miguel do Castelo se surpreendem, ora maiores, ora menores no canto de qualquer praça inesperada da *alma mater* da nossa civilização européia, como as casas de melancia se misturam com as Farnesinas, os desgravatados, no Capitólio, com o equestre imperial, os equestres de bronze com os burricos de carga, as tipoias de 1900 com as colunas dos Foruns, as estampinhas da Primeira Comunhão com a coluna de Calígula da *Piazza S. Pietro*, as velas votivas dos peregrinos com os mosaicos de Giotto, cupula de Miguel Angelo da Basilica do Vaticano com os cabeças de mosca, as garfadas do macarrão com os mármore do Bernini, os Rafael com as "for-narinas" de verdade, o familiar com o monumental, o quotidiano com o eterno...

E ele me perguntaria como o lusiado do Eça:

— Que tal Roma, Alpedrinha?

E eu responderia ao digno patricio:

— Melhor que Braga, mas pior que Guimarães!

Os meus vimaranenses entendem-se bem.

Pegar depois no digno patricio e levá-lo de tipoia pelas margens do Tibre, estontear-lo com a bela da romana, lançá-lo para o meio das raparigas da Praça de Espanha, abrir-lhe uma ponta da cortina sobre os amores dos Jardins Borghese e entrar um pouco com ele pela Historia dentro. Fazê-lo pensar nas decadências de Roma, que foram varias, e cogitar, de amigo para amigo, de patricio para patricio, em se não andaria perto de todas elas esta sabia reflexão do nosso Ramalho: "nada mais perigoso para o exito de uma causa entregue á sorte das armas do que a loquacidade dos generais que discusam sobre a politica ou sobre a diplomacia da questão que defendem..."

E falar-lhe da ultima decadencia de Roma, da dos sete milhões de baionetas, da decadencia ainda de nossos dias, e perguntar-lhe se tinha ou não tinha razão o homem da "Holanda", quando dizia: "Todo aquele que atenta, por qualquer modo que seja, contra a liberdade inviolavel e sagrada da consciencia humana, é um inimigo que a natureza nos impele a combater..."

E nada mais diria do velho Ramalho ao digno patricio porque sou um homem profundamente ordeiro.

*

Desta vez, em Roma, fui eu o Alpedrinha *alpedrinhado*. Coube o papel ao Sergio Buarque de Holanda. Mal conhecia esse ilustre amigo. Foi um dos felizes acasos que me escaparam no Brasil. Mas, pelo carregado dos olhos pela austeridade da expressão, pelas materias de sua especialidade, julgava-o um cavalheiro circunspecto e grave. Não gosto, de passagem se diga, dos cavalheiros circunspectos e graves. Prefiro os homens serios!...

Logo á primeira "abordagem", o Sergio Buarque de Holanda saiu-me o mais alegre, o mais traquina, o mais folgazão e o mais novo de todos os seus filhos. E são sete!

Jantamos em uma noite de calor em Santa Maria in Trastevere. Arregamos as mangas da camisa. Bebemos *frascati*. Saboreamos, na saudade a feijoadada e, por vias do intercambio, o bacalhau com todos. Falamos dos amigos dos do Brasil, eu, dos de Portugal, ele!...

Depois, abalamos para a Praça Capitólio.

Aí o turbulento e demoniaco Miguel Angelo faz-se sereno. Do classicismo do traçado, que lhe pertence, saiu-lhe

uma das praças mais equilibradas do mundo. A luz era de luar. Já conhecíamos aquilo há muito. Mas tomamos tudo como novidade. O entusiasmo do Sergio, explicando, esclarecendo, interpretando, era de menino no barbeiro. Ria como um perdido para o magnifico equestre imperial em bronze que campeia glorias em meio da Praça!

Só um brasileiro sabe rir diante das coisas importantes! E' da sua simplicidade. E do frescor de seu espirito. A nós, aos da Europa, as coisas importantes impõem o dever cultural, senão social, de reflexão funda e da impressionabilidade ostensiva. E' da nossa responsabilidade e do nosso jeito historico. E da maturidade de nosso espirito. O maduro das coisas importantes já foi descoberto há muito. Por que seriam importantes, então? De um espirito fresco e jovem sai, em geral, uma nova descoberta, o não sabido! Exultam pouco esses espiritos com a confirmação. Não é da sua virgindade!...

A presença, ali, do Sergio Buarque de Holanda, com as suas considerações ora eruditas, ora *virgens*, mas sempre despenteadas, era o grande e são acontecimento do encontro de um homem inteligente e novo, que tudo sabia pelos livros, com os padrões ao vivo de uma riquissima e velha cultura.

Outro meninão na Europa — esse iluminado de inocencia poetica — é o Murilo Mendes!

Foi do alto do Capitólio que o Sergio me disse ter deparado com a pomba de Picasso na cidade exumada de Herculanium. Não é estranho! Picasso é mais antigo que Herculanium. Data do fosseis antediluvianos e já passou pelo ano 2.000. E não se sabe onde irá parar esse singular sujeito e a que rara especie ele pertence! Nem que destinos ignorados nos revelará ainda a sua obra em gestação!...

Do Capitólio fomos á Fonte de Trevi lançar ali uma moeda.

Eram duas da manhã. A essa hora, é difícil apanhar um taxi nas ruas apartadas do centro de Roma. Ou não se encontram, ou passam rapidos como foguetes.

Mas o Sergio conhece os seus classicos, mesmo os classicos romanos. Tem a sua receita especial. Mete os dedos na boca e silva. O taxista julga-se em infração. Trava em seco e pára. E lá carrega com o Sergio, com a filha-da e com os amigos para casa!...

Ora, um homem serio, um historiador de reputação feita, um homem de congressos internacionais de cultura que, para qualquer europeu, há de ser forçosamente um homem circunspecto e grave, fazer parar taxis em seco, no quadro imponente de Roma, á força de assobio digital, só do Brasil!...

Claro está que essa simplicidade com que os brasileiros se assomam ás coisas importantes da Cultura e da Arte não exclui saber, respeito e admiração!

Também os há — sejamos objetivos — que, de um velho e pequenino assensor, que anda sempre, inferem não se sabe que destinos de morte decadencia fatal desta decrepita Europa!... Mas esses nunca fizeram parar um taxi em Roma de dedo na boca! Nem em Roma, nem em outra qualquer parte!...

O Estado de São Paulo
5.11.1954